



SEÇÃO: RESENHA / RESENHA ORIGINAL

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016.

Reginâmio Bonifácio de Lima¹

orcid.org/0000-0001-9733-6237
reginamiobonifacio@yahoo.com.br

Recebido em: 20/2/2020.

Aprovado em: 26/6/2020.

Publicado em: 05/11/2020.

Eduardo Rodrigues da Cruz é Doutor em Teologia Sistemática pela Universidade de Chicago e professor titular no Departamento de Ciências da Religião na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUCSP). A obra em análise é o último de doze volumes da Coleção "Marco Conciliar", da Paulus Editora, organizada em virtude da comemoração dos 50 anos do Concílio Vaticano II.

O livro apresenta três capítulos com divisão sistemática: o capítulo primeiro é intitulado "Antecedentes: da revolução científica ao Vaticano II"; o capítulo segundo, denominado "A ciência e o Concílio Vaticano II"; e o capítulo terceiro, "O magistério e as ciências naturais, de João Paulo II a Bento XVI".

Na "introdução" o autor apresenta as ideias de cronologia e de sistematicidade no trabalho que se propõe a escrever, diferenciando a estrutura de sua obra dos demais livros da Coleção que integra. Almejando a postura dialogal que fora aberta pelo Concílio, o autor remete seus esforços à percepção de figuras emblemáticas para a mudança de postura eclesial, dos cientistas, dos posicionamentos equivocados e de desafios para o tempo presente. Prudência e perseverança são recomendadas como orientações para análise do livro em recensão e dos documentos conciliares para que não se caia no casuismo ou no opróbrio literato.

Ao escrever "Os antecedentes: da revolução científica ao Vaticano II", Cruz destaca a ambivalência de posição da Igreja Católica em relação à ciência moderna, com reverses de entusiasmo e de condenação. O caso emblemático do heliocentrismo e das obras de Galileu foram protelados por séculos, sendo essa uma simbólica representação de posições congêneres, postulações em que a "ciência católica" e alguns de seus clérigos-cientistas tomaram para si o desenvolvimento de atividades científicas com variações de vigilância, cenário esse que, para o autor, começa a se modificar a partir do século XIX.

Ele apresenta a ideia de que as ciências naturais, já aceitas na sociedade, afetariam a visão do livro do *Genesis*; esse foi um ponto que se destacou por não haver consenso sobre os dias criativos ou as descobertas que dessem conta do desenvolvimento do planeta Terra. Com a teoria da evolução das espécies, houve o afloramento de discussões



Artigo está licenciado sob forma de uma licença
[Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

¹ Universidade Federal do Acre (UFAC), Rio Branco, AC, Brasil.

sobre as ciências naturais e a sua influência direta na compreensão dos seres humanos. O autor remete a diálogos e a duelos no contexto da segunda metade do século XIX, que, por pretenderem tomar posse da razão com suas posições inflexíveis, os interlocutores acabaram deixando em segundo plano a ciência e a religião das quais se propunham como porta-vozes.

Os apologetas são apontados pelo autor como responsáveis por mostrar que, na verdade, a Igreja era amiga da ciência. E essa, embora estimulada, deveria ficar sob o abrigo seguro do magistério. Várias foram as formulações sobre a ciência e a fé. Para o autor, esse panorama, que se estabeleceu entre o século XVII até meados do século XX, dá apenas alguns indicativos da complexidade histórica do período, ao que se propõe, de antemão, a apenas um voo panorâmico.

Em seguida, Cruz trata sobre "A ciência e o Concílio Vaticano II", abordando a ascensão do Papa João XXIII e a ida a segundo plano do tom admonitório dos documentos anteriores. Mesmo na constituição apostólica convocatória conciliar é destacada a referência à ciência. O destaque produzido por Cruz dá conta do sinal do conservadorismo curial que aflorou no Comitê Preparatório Central do Concílio. Para o autor, a ciência é pouco tratada nos documentos do Vaticano II, constando o termo principalmente na *Gaudium et spes*, em quarenta ocasiões; na *Gravissimus educationis*, o termo aparece oito vezes; e, na *Ad gentes*, ocorre por seis vezes. Duas visões teológicas se destacaram nos documentos supracitados: uma leitura otimista do tomismo e uma versão de agostianismo que colocava em questão a importância das atividades terrestres para a salvação divina.

Com o encerramento do Concílio, começou-se a imediata interpretação dele. A posição ambígua do magistério em relação à ciência e à sua autonomia se deu tanto pela participação e patrocínio de muitos sacerdotes e religiosos em atividades científicas, quanto na desconfiança, censura e reiteradas admoestações em relação aos avanços científicos. Somente com João Paulo II, a Igreja atesta a ortodoxia da obra de Galileu e de sua

importância na história da Igreja e da Ciência.

No Capítulo III, o autor segue sua exposição com "O magistério e as ciências naturais, de João Paulo II a Bento XVI". Para ele, João Paulo II inicia o diálogo efetivo com as ciências. Conhecido tanto por sua ortodoxia quanto pela sua atenção privilegiada aos assuntos internos da Igreja, o papa tinha uma atitude de abertura em relação ao mundo moderno. Ele aproximou a Igreja dos cientistas e as descobertas científicas da Igreja. O autor expõe a persistência da dificuldade com a evolução biológica e outros assuntos que haviam ficado em aberto.

Ainda há um longo caminho para o magistério e várias questões ficaram em aberto a partir do Concílio Vaticano II. Muitas ideias postas variam da evolução darwinista, perpassando pelo *Design Inteligente*, até o Neodarwinismo. Para o autor, essas controvérsias ainda não estão resolvidas. Três pontos merecem destaque, segundo Cruz: a tensão existente entre teólogos e cientistas cristãos contemporâneos quanto a discursos dualistas ou monistas; as questões de ordem ética e a responsabilidade de utilizar sabiamente o conhecimento para benefício de toda a "família humana"; a bioética e a preocupação básica com a *Imago Dei*; e a indicação do que é ou não permissível tanto em termos de pesquisa científica quando em relação às práticas terapêuticas.

Cruz conclui sua obra afirmando que a Santa Sé tentou separar o que vê como ciência, desde o iluminismo, daquilo que seria pouco crível. Há tanto abertura quanto rejeição da atividade científica, tanto patrocínio quanto admoestação e censura; há ainda a dificuldade de reconhecimento e de correção de erros cometidos em ocasiões anteriores.

Percebe-se, ao percorrer as páginas da obra, um avanço com a proposta dessa nova forma de a Igreja ver as ciências – como inerente à condição humana. O autor se dedica, em vários momentos, a mapear sinteticamente as indicações das ciências no marco conciliar, bem como sua contribuição para o trânsito de mão dupla entre fé e ciências.

É latente o fato de o Concílio Vaticano II ter sido o mais ecumênico de todos. Ele refez a rota fundamental da Igreja e do próprio Cristianismo, colocando-os frente ao mundo moderno. A Igreja

sai de sua situação isolada e se assume como detentora da verdade que reconhece a verdade nas ciências e dialoga com elas, sendo compreendida como servidora da humanidade.

A obra, escrita de forma simples, direta e convicta, além de revisitar o Vaticano II, oferece um balanço sobre dois temas que a Igreja vive na sociedade – a teologia e a ciência. Um livro que busca conjugar o desenvolvimento da ciência pelo ponto de vista da reflexão teológica, bem como de suas consequências para a Igreja e para a sociedade.

Referências

ALBERIGO, Giuseppe. *História do Concílio Vaticano II*. Petrópolis: Vozes, 1995.

CARROLL, William E. *Tomás de Aquino e o Big Bang*. Disponível em: <http://eisenhowers.blogspot.com/2014/08/tomas-de-aquino-e-o-big-bang.html>. Acesso em: 19 nov. 2019.

CRUZ, Eduardo Rodrigues da. *Teologia e ciência no Vaticano II*. São Paulo: Paulus, 2016.

DARWIN, C. R. *The origin of species by means of natural selection, or the preservation of favoured races in the struggle for life*. 6 ed. London: John Murray, 1872. Disponível em: <http://darwin-online.org.uk/content/framaset?itemID=F391&viewtype=text&pageseq=1>. Acesso em: 18 nov. 2019. <https://doi.org/10.5962/bhl.title.61216>.

GALILEI, G. *Ciência e fé*. São Paulo: Unesp, 2009.

KOZHAMTHADAM, J. Vatican II on Science & Technology. *Revista Portuguesa de Filosofia*, [S. l.], v. 63, fasc. 1-3, jan./set. 2007, p. 609-629. https://doi.org/10.17990/RPF/2007_63_1_0609.

Reginâmio Bonifácio de Lima

Doutorando em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Possui Graduação em História pela Universidade Federal do Acre (2001); Graduação em Teologia pela Faculdade de Teologia de Boa Vista (2005); Especialização em Cultura, Natureza e Movimentos Sociais na Amazônia (2007); Especialização em Ciências da Religião (2011); Mestrado Livre em Teologia pela Faculdade de Teologia e Ciências Humanas da América Latina (2002) e Mestrado em Letras - Linguagem e Identidade - pela Universidade Federal do Acre (2008). Atualmente é professor EBTT de História na Universidade Federal do Acre.

Endereço para correspondência

Reginâmio Bonifácio de Lima
Universidade Federal do Acre
Rodovia BR 364, Km 04
Distrito Industrial, 69920900
Rio Branco, AC, Brasil